

# ESPECIAL

especial@grupoatarde.com.br



**COVID-19** Estudo do grupo GeoCombate Covid-19 BA aponta oito localidades de Salvador em condições críticas de contágio e que precisam de atenção maior

# PESQUISA MOSTRA VULNERABILIDADE DAS PERIFERIAS

THIAGO CONCEIÇÃO

Neste período de chuvas na capital, ficar em casa e se proteger do novo coronavírus é uma missão impossível para o reciclador Daniel dos Santos, 35, morador de Nova Constituinte, bairro periférico da região do subúrbio ferroviário de Salvador. Quando chove, mesmo que por um curto período, a falta de saneamento básico adequado da rua Beira Rio, onde reside, faz a água invadir a casa.

A preocupação do reciclador está maior com a recente confirmação de três casos de Covid-19 na comunidade, divulgados pela Secretaria Municipal da Saúde (SMS) de Salvador.

A exemplo da realidade de Daniel, os bairros periféricos de Salvador, habitados por milhares de moradores que estão em situação de pobreza, têm maior risco de rápida proliferação do coronavírus, segundo pesquisa do grupo GeoCombate Covid-19 BA, coordenado pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Ainda pelo estudo, oito localidades estão em condições críticas de contágio da doença e precisam de atenção especial do poder público. São elas: Nova Constituinte, Vila Canária, Boa Vista de São Caetano, Sussuarana, Santa Luzia, Tororó, Pirajá e Santa Cruz.

Juntos, os bairros somam 24 dos 1.131 casos da doença confirmados na cidade até o momento, segundo os dados da SMS do dia 24. "Com esse vírus solto por aí, o certo seria ficar dentro de casa. Mas como é que fica?", questiona Daniel.

## Indicadores de risco

A falta de saneamento básico vivida pelos moradores da Nova Constituinte é um dos critérios da pesquisa do GeoCombate. Para cada bairro, foram analisados fatores socioeconômicos, como o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), as áreas com abastecimento de água e esgotamento sanitário inadequado. As informações foram cruzadas com dados sobre os casos de coronavírus na cidade, e o resultado foi a criação de um ranking de risco para cada indicador mencionado.

Em vídeo do GeoCombate, a professora e pesquisadora em geoprocessamento e saúde da Ufba Patrícia Brito explica que "o coronavírus é uma doença democrática, ou seja, em todos os bairros podem acontecer mortes. Porém existem fatores mínimos associados com os casos fatais, a exemplo da presença de outras doenças: tuberculose, hipertensão. Por isso, comunidades desassistidas têm maior risco aos efeitos da rápida disseminação da Covid-19".

Apesar de o estudo partir do pressuposto de que o coronavírus é uma doença que tem caráter de contágio amplo, ao olhar para o topo dos rankings de risco de disseminação da Covid-19 associada ao IDHM, ao IVS e aos domicílios sem abasteci-

**Para cada bairro, foram analisados fatores socioeconômicos, como acesso a água e esgoto**

**Combater a desigualdade social com ações públicas é essencial para reduzir impacto da pandemia mundial**

**Os bairros da periferia têm elevada concentração de pessoas que precisam sair para garantir o sustento**



mento de água e esgotamento sanitário, a situação não é nada "democrática". Ali, na abertura dos três rankings, está o bairro de Nova Constituinte.

## Comunidade alerta

Na travessa 9 de Março, em Nova Constituinte, a recicladora Maria dos Reis Santos, de 51 anos, não sai da casa pequena onde mora com outras seis pessoas, as duas filhas, os três netos e o genro. Com hipertensão, ela relata que o medo de contrair o coronavírus está ligado com a vulnerabilidade social e econômica.

"Não coloco a cara na rua. O medo é grande, tenho problemas de saúde. Se eu pegar a doença, a situação vai ser desesperadora. Nem condição financeira tenho para lidar com a doença. Para se ter ideia, a galerinha que mora comigo está desempregada", conta Maria.

Antes da pandemia, ela coletava e vendia materiais recicláveis, como garrafas plásticas, latinhas, equipamentos eletrônicos. Com isso, a cada 15 dias, ganhava entre 180 e 190 reais, dinhei-

ro usado para o sustento da família. Com o avanço do coronavírus na capital e o consequente isolamento domiciliar preventivo, a renda que já era pouca desapareceu.

Por causa da quarentena, o local onde vende os materiais recicláveis está fechado por tempo indeterminado. Sem saída, os objetos coletados formam pilhas no quintal, situação que já dura mais de um mês. A dificuldade financeira faz faltar itens básicos de higiene. Maria não tem sabão e álcool. "A prevenção de limpeza não acontece. Aqui falta até sabão de pia", desabafa.

Para Arnaldo Anselmo, líder comunitário de Nova Constituinte, faltam ações públicas que visem minimizar os danos causados pelo novo coronavírus na comunidade.

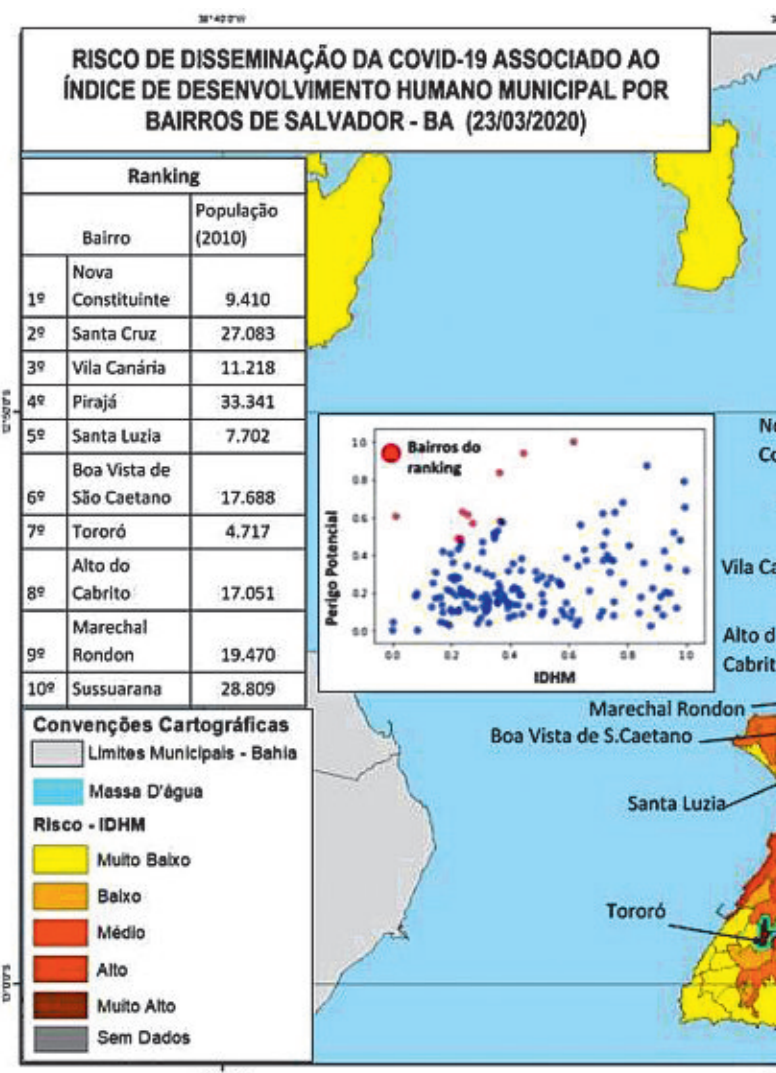
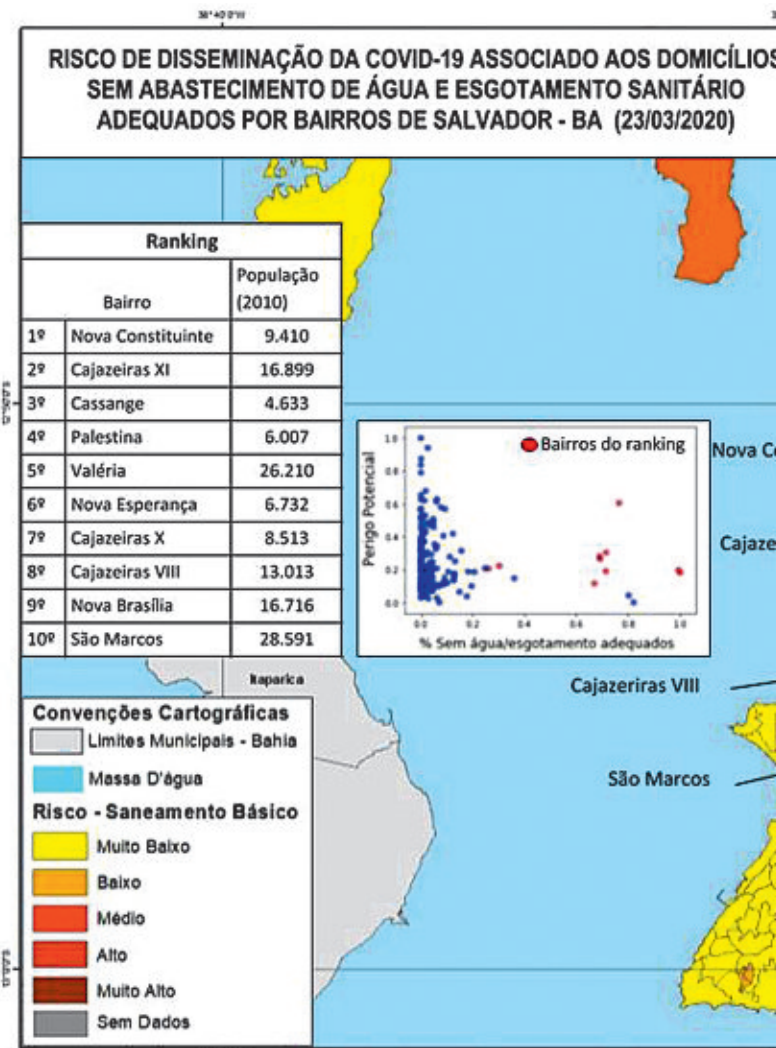
"Se os órgãos públicos não olharem para Nova Constituinte, a gente vai sofrer um grande surto da doença. Na questão da assistência social, não temos apoio com cestas básicas, materiais de higiene. No âmbito do saneamento básico, a gente so-

fre com os alagamentos causados pela chuva e a falta de água recorrente", afirma Anselmo.

## Olhar para a periferia

Para Kilson Melo, presidente da Federação das Associações de Bairros de Salvador (Fabs), combater a desigualdade social no nível das ações públicas é essencial para reduzir as mazelas que a pandemia mundial vai causar nas periferias da capital. "Não é possível combater o coronavírus quando falta água de qualidade para lavar as mãos, quando falta sabão. Se nada for feito, a situação só vai piorar e teremos grandes surtos nas periferias", adverte Melo.

O presidente ainda destaca que os bairros da periferia têm elevada concentração de pessoas que precisam sair de casa para garantir o sustento, caso não recebam auxílio emergencial. Além disso, Melo lembra que comunidades como Nova Constituinte já sofrem com o desafio de atendimento e acompanhamento de saúde para doenças como dengue e chikungunya.



**CORONAVÍRUS OMS alerta que não há provas de que infectados ficam imunes**  
 coronavirus.atarde.com.br

# Acesso ao diagnóstico é entrave

A recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) para combater a disseminação do vírus é testar de forma maciça a população e preservar o distanciamento social.

No entanto, as periferias baianas enfrentam a desigualdade no acesso ao diagnóstico da doença, segundo estudo da Rede CoVida, iniciativa conjunta do Centro de Integração de Dados e Conhecimentos para a Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Cidacs-Fiocruz) e da Universidade Federal da Bahia (Ufba), divulgado no último dia 20. O estudo aponta que as disparidades econômicas, regionais, sociais e raciais muitas vezes funcionam como entraves para o acesso aos exames que notificam os casos da Covid-19 na Bahia.

## Impedimentos

Por causa destes impedimentos, o levantamento aponta que os índices reais de casos do coronavírus no estado correspondem apenas a 15% do real cenário de contágio, algo que repre-



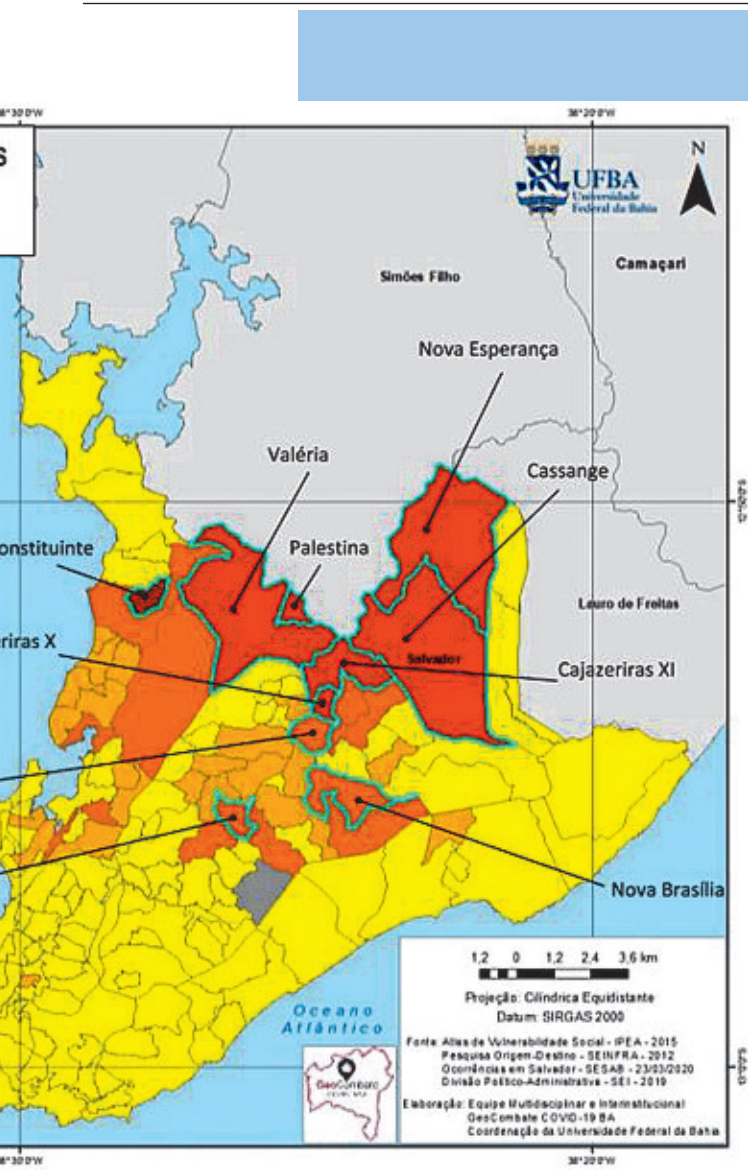
Falta de acesso a serviços de saúde eleva risco a moradores de áreas periféricas

senta pouco mais de 13 mil casos.

A Bahia tem 2.116 casos de Covid-19, com 72 óbitos, segundo o último boletim epidemiológico da Secretaria da Saúde do Estado da Bahia (Sesab), divulgado no final da tarde de ontem, sendo que Salvador concentra 61,55% dos casos afe-

ridos. Segundo a pesquisadora Dandara Ramos, do Cidacs, a limitação da capacidade de testagem atual da Bahia, voltada para os quadros mais graves da doença ou feita em áreas nobres das cidades, gera o risco de criação do que chama de "áreas de sombra". Em outras palavras, estatísticas que não refletem a realidade.

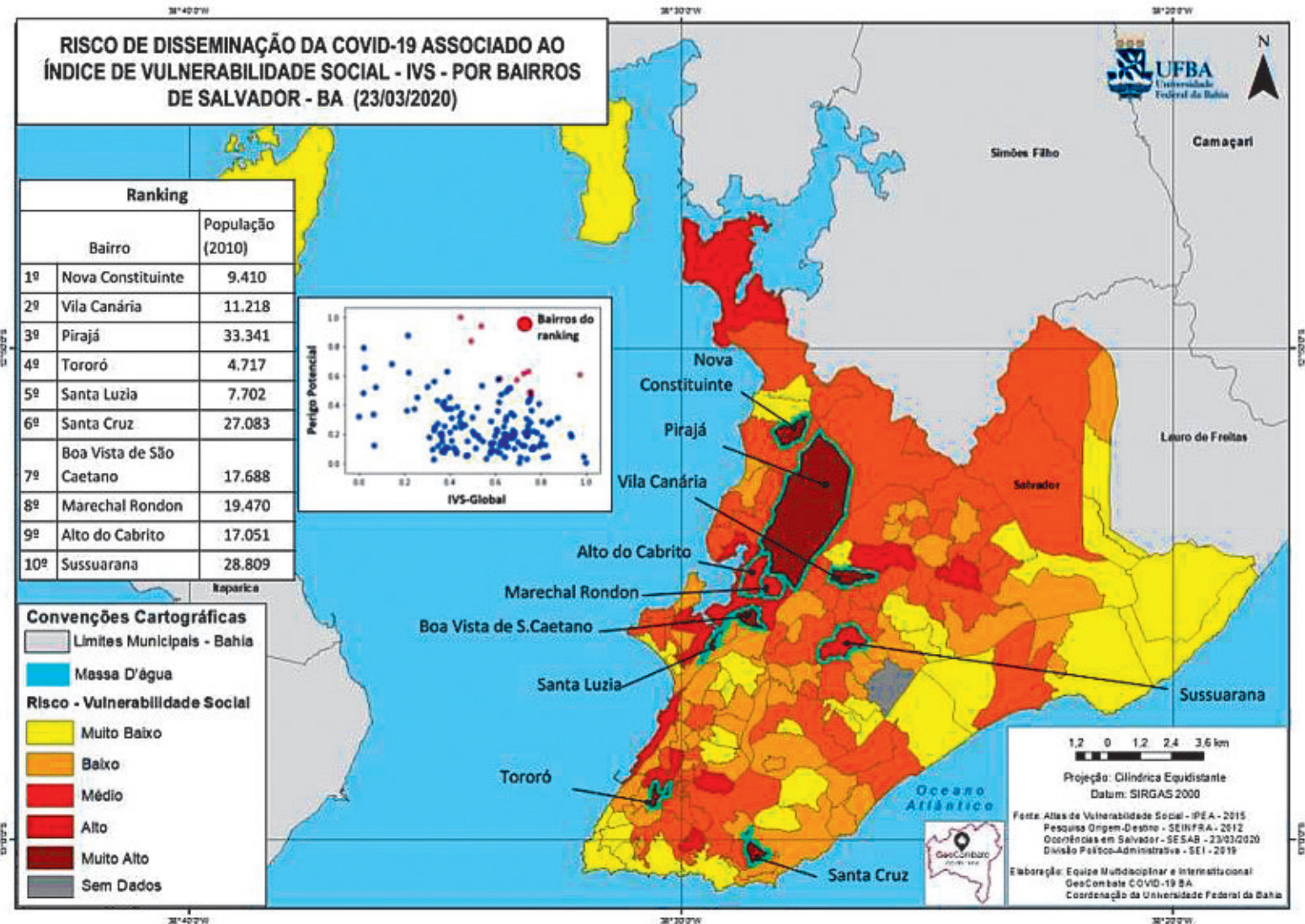
"As iniciativas de diagnóstico têm que checar nas áreas empobrecidas, onde ocorrem apenas a subtestagem e, consequentemente, subnotificação de casos em populações vulneráveis. Sem a transparência dos dados e testagem maciça, não será possível combater os surtos da Covid-19 nas periferias", explica Dandara.



Adilton Venegeroles / Ag. A TARDE



Maria dos Reis: sem trabalho e renda em Nova Constituinte



Laryssa Machado / Ag. A TARDE / 8.4.2020

# Aglomeración nas ruas amplia risco de contágio

No período de oito dias, entre 16 e 23 deste mês, o Disque Coronavírus (160), canal criado pela prefeitura para tirar dúvidas e fazer denúncias relacionadas com o coronavírus, recebeu 113,5 mil ligações, com uma média de 1.211 ligações atendidas por dia. Entre os motivos de contato, a principal queixa é o desrespeito aos decretos municipais de distanciamento social em estabelecimentos privados e públicos da cidade.

A maior parte das denúncias é de moradores dos bairros periféricos de Salvador, onde existe uma visível concentração de pessoas em bancos, farmácias e lotéricas. Com 1.350 ligações ao 160, Cajazeiras é a localidade com mais reclamações sobre o problema. Além do bairro, são comuns as ligações feitas de locais como Pernambuco, Liberdade, Fazenda Grande do Retiro, Itapuã e Paripe.

## Rastreamento

Segundo Humberto Viana, ouvidor-geral do município,

as denúncias ajudam no rastreamento de irregularidades no entorno dos bairros. "Infelizmente, nos bairros mais periféricos, as pessoas não têm a real noção do perigo que o coronavírus representa para a saúde. Por isso, todos os dias recebemos registros de concentração de pessoas em estabelecimentos da capital, principalmente em bares e restaurantes", diz Viana.

## Canais de denúncia

Ao ligar para o 160, o cidadão pode fazer denúncias como aglomeração e perturbação sonora de bares e restaurantes, falta de correto distanciamento físico em estabelecimentos comerciais. Outros canais são: envio de e-mail para o ouvidoria@salvador.ba.gov.br e acesso ao portal Fala Salvador (www.falasalvador.ba.gov.br). No caso de denúncia, é preciso descrever onde a atividade está ocorrendo (bar, restaurante), a quantidade aproximada de pessoas, endereço com ponto de referência e CEP.



Canal recebe denúncias de aglomerações nos bairros

